

Juana Manso: uma intelectual feminista transnacional
(Rio de Janeiro e Buenos Aires, 1852-1855)

BÁRBARA FIGUEIREDO SOUTO¹

Universidade Estadual de Montes Claros

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar a construção de Juana Manso enquanto intelectual feminista transnacional, através de seus deslocamentos pela América, revelados pelas páginas dos periódicos *Jornal das Senhoras* (1852-1855), veiculado no Rio de Janeiro, e *Album de Señoritas* (1854), veiculado em Buenos Aires. A análise parte da perspectiva dos Estudos Feministas, da História Intelectual, da História Comparada e da História Transnacional. Constatei que a experiência peregrina de Juana Manso a estimulava a pensar as sociedades de forma articulada e foi elementar para seu amadurecimento, *tornando-a* uma intelectual feminista transnacional.

Palavras-chave: Juana Manso; Intelectual; Feminismos.

Abstract: The purpose of this article is to analyze the construction of Juana Manso as a transnational feminist intellectual, through her travels across America, revealed by the pages of the periodicals *Jornal das Senhoras* (1852-1855), published in Rio de Janeiro, and *Album de Señoritas* (1854), published in Buenos Aires. The analysis starts from the perspective of Feminist Studies, Intellectual History, Comparative History and Transnational History. I found that Juana Manso's pilgrim experience encouraged her to think about societies in an articulate way and was elementary to her maturity, making her a transnational feminist intellectual.

Keywords: Juana Manso; Intellectual; Feminisms.

1 Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora do Departamento de História da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). E-mail: barbara.souto@unimontes.br

Introdução

Yohe luchado con una osadía y un arrojo de que solo mis numerosos artículos en los diarios podrían dar a V. una idea, y solo enmudeceré para combatir la injusticia, cuando deje de existir o la fuerza me lo vede.
Juana Manso, 1867.

A argentina exilada no Brasil, Juana Manso, registrou a relevância dos jornais em sua atuação na esfera pública. A imprensa foi um veículo elementar para a construção e propagação das ideias da periodista que, em 1867, com olhar retrospectivo, reconheceu sua trajetória de luta através dos impressos veiculados no Rio de Janeiro e em Buenos Aires.

Juana Paula Manso nasceu no dia 26 de junho de 1819, em Buenos Aires. Sua mãe, Teodora Cuenca, era portenha de ascendência hispânica. Seu pai, José María Manso, integrou a Revolução de Maio e atuou no governo de Bernardino Rivadavia. Em 1839, a família emigrou para Montevidéu por causa das perseguições sofridas durante o governo de Juan Manuel de Rosas. No Uruguai, Juana Manso escreveu poesia, fundou uma escola para meninas, atuou na imprensa e participou de reuniões com intelectuais da denominada Geração de 1837,² como Esteban Echeverría, Juan María Gutierrez e José Mármol. Em 1842, Juana Manso e seus pais emigraram para o Brasil devido ao estado de sítio instaurado em Montevidéu, pelos apoiadores de Manuel Oribe. Dois anos depois, Joanna Manso casou-se com o violinista português Francisco de Sá Noronha, com quem teve duas filhas, Eulália e Hermínia. Nos anos 1840, Joanna Manso escreveu romances e teatros. Em 1852, fundou o *Jornal das Senhoras*, no Rio de

² Sobre o referido movimento intelectual, ver: MYERS, 1998.

Janeiro.³ No ano seguinte, após a morte do pai e a separação do marido, Juana Manso retornou para a terra natal com suas filhas. Em 1854, fundou o periódico *Album de Señoritas* e ministrou aulas de francês, inglês e italiano para angariar renda. Nas décadas de 1860 e 1870, atuou intensamente na área educacional, tornando-se uma colega de trabalho de Domingo Faustino Sarmiento. Juana Manso faleceu em 24 de abril de 1875, em Buenos Aires (DE GIORGIO, 2015).

É a respeito desta mulher, que se tornou uma intelectual feminista transnacional, que este artigo se propõe a refletir. Mas, podemos falar em feminismo, no Brasil e na Argentina, em meados do século XIX?

A meu ver, não existe um conceito fechado de feminismo, pois ele é plural. Logo, é preciso pensar em feminismos. O vocábulo se refere a um processo, por isso ele deve ser conceituado em sua especificidade temporal, espacial e situacional. Devido à amplitude dos movimentos que o vocábulo representa, ao desconhecimento e preconceito para com as lutas das mulheres – desde suas manifestações históricas –, a polêmica é frequente quando a palavra de ordem é feminismos.

Ao refletir sobre os movimentos feministas, é comum caracterizá-los a partir das clássicas “Ondas”. A Primeira Onda teria ocorrido em fins do século XIX e início do século XX, momento em que as mulheres lutavam por direitos políticos, sociais e econômicos; já a Segunda Onda teria iniciado nos anos 1960, quando as mulheres reivindicaram “o direito ao corpo, ao prazer, e lutavam contra o patriarcado”(PEDRO, 2011, p.

3 Durante a análise, utilizarei a nomenclatura *Jornal das Senhoras*, mas vale esclarecer que durante 61 números – de 01/01/1852 a 27/02/1853 – ele foi veiculado como *O Jornal das Senhoras*.

271). Entretanto, cabe questionar: tais classificações dos movimentos feministas em “Ondas” servem como balizas para pensar as diversas manifestações ocorridas ao redor do mundo? Sendo mais específica, ao estudar os movimentos feministas na América Latina, as duas “Ondas” representam as demandas das mulheres em nossa parte do continente?

Defendo que se corre um grande risco de generalização e de não compreensão das especificidades das experiências das mulheres latino-americanas ao se tomar os movimentos europeus e norte-americanos como parâmetros de comparação e, até mesmo, de determinação de pautas feministas.

Conforme elucidou María Luisa Femenías (2007), é fundamental ressaltar as particularidades das vivências das mulheres latino-americanas, as quais são marcadas por distintas experiências atravessadas pelas questões étnicas e culturais. Nesse sentido, não é adequado pensar os movimentos feministas e suas pautas de forma universalizante, nem mesmo entre os próprios países latino-americanos. Portanto, as concepções pré-estabelecidas de “Primeira Onda” e “Segunda Onda” dos movimentos feministas “no puede[n] aplicarse por igual a todas las Américas, incluyendo las áreas insulares del Caribe, y tampoco en paralelo a las cronologías europea y estadounidense” (FEMENÍAS, 2009, p. 47). É mais prudente analisar cada manifestação feminista em sua historicidade e particularidade para, assim, estabelecer possíveis fios comunicantes com outras vivências feministas, ou seja, é elementar um esforço de pesquisa para revelar a existência ou inexistência de pautas feministas convergentes, e não tentar encaixar os feminismos em categorias rígidas e estabelecidas a priori.

Coloco em xeque as tradicionais “Ondas” feministas como parâmetro

confiável de análise das ideias feministas na América Latina. Sendo assim, concordo com a assertiva da historiadora Joana Maria Pedro:

Convém sublinhar que pensar o feminismo a partir de ondas reforça a ideia da existência de centros irradiadores e suas margens; é como se uma pedra tivesse sido atirada na água, formando várias ondas. Elas vão se abrindo e apontando para a circulação de discursos e teorias que partem de um centro produtor – em geral, países considerados desenvolvidos do hemisfério norte – e se dirigem para o hemisfério sul, localização principal dos países considerados subdesenvolvidos (PEDRO, 2011, p. 271).

Observo que ao tomar as “Ondas” irradiadas da Europa e Estados Unidos em direção aos países do hemisfério Sul como elementos norteadores da análise sobre as realidades das mulheres, contribui-se para o enrijecimento de hierarquias e de preconceitos historicamente perpetuados. Ao se considerar que as pessoas do hemisfério Norte são as capazes e responsáveis pela construção de teorias e as pessoas do hemisfério Sul são aquelas que recebem tais pensamentos para aplicar em suas reflexões, perpetua-se antigas assimetrias de poder e relações de dominação.

Apesar de sua pluralidade, como poderíamos definir “feminismo”? No âmbito da análise aqui empreendida, “feminismo” deve ser compreendido como “todo gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher,⁴ ou que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos, seja por iniciativa individual, seja de grupo” (DUARTE, 2003, p. 152). Defendo, então, o afastamento da concepção de que as ideias

⁴ Prefiro o uso do termo no plural, para que fique explícita a heterogeneidade expressa pelo vocábu-lo.

feministas teriam surgido apenas com a consolidação dos movimentos feministas, organizados na primeira metade do século XX – no caso brasileiro e argentino. Assim, corroboro Zahidé Muzart quando afirma: “como prática, o feminismo preexiste ao emprego da palavra com que é designado” (2002, p. 14). Portanto, antes do vocábulo, possivelmente cunhado por Charles Fourier, tornar-se corrente, em fins do século XIX, identificamos mulheres que, por suas pautas e reivindicações, devem ser consideradas “feministas”.

Dito isto, o objetivo deste artigo é analisar a construção de Juana⁵ Manso enquanto intelectual feminista transnacional, através de seus deslocamentos pela América, revelados pelas páginas dos periódicos *Jornal das Senhoras* (1852-1855) e *Album de Señoritas* (1854).⁶

Mulheres e a história parcial da imprensa

Apesar da reconhecida importância da imprensa enquanto fonte histórica,⁷ é necessário ressaltar que as mulheres foram, por muito tempo,

5 A título de esclarecimento sobre os registros das fontes analisadas e com o intuito de ressaltar que a mudança na autoidentificação estava relacionada com a tradução e com a construção da subjetividade de Juana/Joanna Paula Manso, gostaria de enfatizar que as produções da intelectual em solo brasileiro foram assinadas com a grafia Joanna e nas regiões de fala espanhola optou-se pela grafia Juana. Para tornar a leitura mais fluida, optei por padronizar, ao longo da escrita deste artigo, o uso da grafia em espanhol, que trata-se também da atualização ortográfica do nome da intelectual em língua portuguesa: Juana.

6 Este artigo trata-se de uma adaptação de um dos argumentos centrais da minha tese de Doutorado (SOUTO, 2019), principalmente, da análise realizada no Capítulo 2.

7 Tal reconhecimento ocorreu, principalmente, após os anos 1980. Sobre os impasses e potencialidades da imprensa enquanto fonte para a pesquisa histórica, ver LUCA, 2005.

negligenciadas nos registros da história da imprensa brasileira e argentina. Revelações sobre a seletividade da história da imprensa no Brasil foram identificadas nos estudos de Laura Maciel (2009), que analisou as comemorações do ano de 1908, devido ao primeiro centenário da imprensa periódica no Brasil, promovidas por funcionários do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Segundo a historiadora, a “exposição de todos os jornais publicados no Brasil, no século decorrido de 1808 a 1907” (2009, p. 66), na verdade, listou periódicos eleitos para contarem a história da imprensa brasileira. Laura Maciel observou que, através da omissão ou de informações pontuais a respeito da “pequena imprensa” (periódicos de variedades, humorísticos, de resistência), reafirmou-se o poder dos “grandes diários”, principalmente daqueles veiculados no Rio de Janeiro, com caráter mais conservador e ligados ao poder. Esta seleção, elitizante e excludente, influenciou também na preservação – material e imaterial – dos registros da memória da imprensa.

Há grande semelhança entre o cenário brasileiro e argentino. Se, no Brasil, o IHGB propôs uma exposição para comemorar o centenário da imprensa, na Argentina, o Círculo de la Prensa promoveu um concurso de redação de uma história do periodismo argentino, com o objetivo de comemorar o 50º aniversário da instituição. O vencedor foi Juan Romulo Fernandez, que escreveu a obra *Historia del periodismo argentino*, publicada em 1943. O autor elaborou uma narrativa dos acontecimentos políticos e dos líderes argentinos, articulando-os ao desenvolvimento da imprensa no país. Houve intenção de enaltecer a pátria e o papel desempenhado pela imprensa. Na narrativa, há grande seletividade periodística, focando nos jornais mais reconhecidos e mais ativos no desenrolar das tramas políticas. Assim, as mulheres de imprensa não foram escolhidas para compor esta história argentina.

Tal como no Brasil, a construção da memória e da história da imprensa na Argentina possui caráter historicista, privilegiando o resgate das origens, os grandes homens e seus feitos heroicos. Poder-se-ia argumentar que é natural e previsível que tais narrativas focalizem os grandes homens, haja vista que os mesmos eram (e continuam sendo) protagonistas no espaço público. De fato, estou tratando de sociedades nas quais se desejavam que o lugar ocupado pelas mulheres fosse o âmbito privado. Porém, considero relevante indagar: nós, historiadores(as), ao nos limitarmos a reconhecer tal obviedade não estaríamos contribuindo para a reprodução historiográfica dessa realidade social e dessas narrativas que colocam as mulheres em segundo plano, sendo, geralmente, silenciadas e apagadas da história da imprensa? Defendo que, ao nos limitarmos a apenas registrar o protagonismo dos grandes homens no espaço público, perpetuamos relações de poder históricas que impunham silêncios às mulheres. Ou seja, ao não chamar a atenção para as mulheres que estavam em luta para se fazerem presentes no espaço público, nós, historiadores(as), não fazemos mais do que colaborar para transformar o silenciamento histórico num silenciamento historiográfico.

A propósito, não foram apenas as escritas das histórias da imprensa brasileira e argentina que silenciaram o protagonismo das mulheres. Ao estudar a trajetória do campo historiográfico nos dois países, deparei-me com similitudes em relação à tardia e diferenciada inserção das mulheres enquanto objeto de estudos dos(as) historiadores(as).

Neste sentido, Rachel Soihet e Joana Maria Pedro afirmaram que a ampliação de trabalhos nos últimos anos contrasta com a “trajetória difícil que a categoria de análise ‘gênero’ enfrentou no campo historiográfico” (SOIHET; PEDRO, 2007, p. 284).

A historiografia argentina também demorou a inserir as categorias de análise “mulher”, “mulheres” e “gênero” em suas reflexões. Dora Barrancos afirmou que os estudos sobre as mulheres no campo universitário foi “morosa em comparación com el profuso agendamiento que se vivia én ámbitos paralelos a las altas casas de estudio” (2004, p. 45). Ou seja, a historiografia argentina privilegiou outras perspectivas e abordagens em detrimento da História das Mulheres e dos Estudos de Gênero.

Na década de 1990, no Brasil e na Argentina, inseriu-se a discussão da categoria “gênero”, inspirada principalmente pelas reflexões da historiadora norte-americana Joan Scott (RAGO, 1998; BARRANCOS, 2004). O aprofundamento desse debate tornou o campo de estudos sobre as mulheres mais sofisticado e amplo. Apesar de todo o avanço, a desconfiança em relação a essa área da História ainda permanece em pleno século XXI.

Nesse sentido, corroboro Diva Muniz ao constatar a existência de um “arraigado preconceito” entre os(as) historiadores(as) quanto à legitimidade do campo História das Mulheres e Estudos de Gênero. Esta prática revela “a inclusão diferenciada e desigual das mulheres no discurso historiográfico.” Portanto, na conjuntura atual, “as mulheres são ainda percebidas e reconhecidas na comunidade como tema/objeto menos importante, significadas diferenciada e desigualmente no discurso historiográfico” (MUNIZ, 2015, p. 70).

Como minhas análises centram nas sociedades carioca e portenha, torna-se fundamental pensar as experiências das mulheres e a atuação da imprensa periódica de maneira comparada. Concordo com a concepção de José D’Assunção Barros ao afirmar que a História Comparada refere-se a “um

modo específico de observar a história” e também requer a escolha de “um campo de observação” peculiar. “Comparar’ é uma maneira bastante específica de propor e pensar as questões” (BARROS, 2007, p.9-10).

Outros(as) estudiosos(as) se propuseram a superar a História Comparada através da perspectiva da História Transnacional. As primeiras propostas surgiram nos Estados Unidos, na década de 1990. A ideia era ultrapassar os limites geográficos da nação como marco espacial das pesquisas. Conforme Maria Ligia Prado:

La Historia Transnacional no está cerrada a ninguna visión metodológica particular. La Historia Política puede ser transnacional, así como la Cultural, la Intelectual o Empresarial. Más bien se refiere a una manera particular de observar los objetos de investigación, abierta a varias preferencias metodológicas y a muchos diferentes problemas. Pretende exaltar las interconexiones de la historia de la humanidad pensada sin fronteras. Enfatiza las redes, los procesos, las creencias y las instituciones, trascendiendo el espacio nacional (2011-2012, p. 19).

É pertinente notar que tal como José D’assunção Barros caracterizou a História Comparada – “um modo específico de observar a história” (BARROS, 2007, p. 9) –, Maria Ligia Prado caracterizou a História Transnacional, como “una manera particular de observar los objetos de investigación” (PRADO, 2011-2012, p. 19). Essa convergência se justifica pela pluralidade e flexibilidade proporcionadas pelos campos de estudos. Compreendo que a História Comparada e a História Transnacional não são excludentes ou divergentes, pelo contrário, elas propiciam aos(às) historiadores(as) perceberem seus objetos de estudo através de lentes

multifocais. Do meu ponto de vista, essa é uma das grandes contribuições da História Comparada e da História Transnacional: permitir que estudiosos(as) de diversas temáticas e tendências observem seus/suas agentes e contextos de “una manera particular” ou de “um modo específico”.

É sobre a argentina, naturalizada brasileira, nascida há 201 anos, que lutou com “una osadía y un arrojo” através da imprensa periódica, no Rio de Janeiro e Buenos Aires, que analiso de maneira específica neste artigo.

Juana Manso: uma intelectual?

Durante o século XIX, no Brasil e na Argentina, as oportunidades de acesso à educação formal eram limitadas, sendo mais precárias entre as mulheres. Desta forma, mesmo a parcela de mulheres⁸ que tiveram acesso ao ensino formal não usufruíram de oportunidades iguais aos homens, o que gerou a separação de funções conforme o gênero. Enquanto as mulheres eram educadas para cuidar das atividades no âmbito doméstico – administrar o lar, cuidar dos filhos e maridos –, os homens foram preparados para a vida pública – ocupar cargos públicos, participar de debates políticos, trabalhar fora do lar (LOURO, 1997; BARRANCOS, 2015).

⁸ Tenho ciência que as mulheres eram/são plurais, apresentando especificidades quanto à classe, raça, religião, geração etc., as quais interferem nas oportunidades de inserção no espaço público e nas instituições. No âmbito deste artigo, as reflexões se pautam no seletivo grupo de mulheres brancas, em sua maioria, pertencentes à elite econômica. Para pensar a vivência das mulheres negras, pobres e mestiças seria necessário outro esforço interpretativo e o acesso a outras fontes históricas.

As mulheres que se tornaram intelectuais, em geral, tiveram o privilégio de pertencer a famílias economicamente mais abastadas, o que lhes propiciava o acesso à educação formal, livros, periódicos, teatros, museus etc. Para além dos privilégios, foi preciso romper inúmeras barreiras sociais que tentavam delimitar o espaço de atuação das mulheres ao âmbito privado. Desta forma, para tornar-se intelectual era preciso romper com determinações atreladas ao gênero, o que me leva a argumentar que, para compreender o conceito de intelectual, não se pode negligenciar os aparatos de gênero, tendo em vista que homens e mulheres não tiveram oportunidades iguais e nem mesmo reconhecimento similar no universo letrado.

Ao tratar das potencialidades do uso do termo “intelectual” para analisar a sociedade francesa do século XX,⁹ Jean-François Sirinelli afirmou que existem duas acepções do intelectual: a primeira era composta pelos criadores e “mediadores” culturais, já a segunda era baseada na noção de engajamento. “No primeiro caso, estão abrangidos tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito” (SIRINELLI, 2005, p. 242). A segunda definição de intelectual era mais estreita e estava relacionada ao engajamento na vida pública. Entretanto, esta segunda acepção não era autônoma em relação à anterior. “Exatamente por esta razão, o debate entre as duas definições é em grande medida um falso problema, e o historiador do político deve partir da definição ampla, sob a condição de, em determinado momento, fechar a lente, no sentido fotográfico do termo.” (SIRINELLI, 2005, p. 243).

Apesar de Sirinelli tratar de um local e de um tempo específicos em

⁹ Uma genealogia do conceito de intelectual na França pode ser encontrada em: Rodrigues, 2005.

sua construção conceitual, suas concepções auxiliam na reflexão sobre o termo intelectual que estou utilizando para analisar a atuação de Juana Manso, em meados do século XIX, nas sociedades carioca e portenha. A propósito, considero a jornalista agente criadora de ideias e também mediadora cultural. Compreendo a mediação feita pela jornalista em três sentidos: o primeiro deles está relacionado ao exercício tradicional dos(as) professores(as), ou seja, aqueles(as) que têm capacidades de “traduzir” determinadas ideias com o intuito de transmiti-las de maneira mais didática (mas não simplória); o segundo sentido está relacionado à capacidade de propagar determinados aspectos culturais, ao selecionar textos e autores(as) que coadunam com suas concepções políticas e sociais, tornando seus/suas leitores(as) “receptores(as)” desse processo – o que não significa que esta lógica seja estável e atue em apenas uma direção, ou seja, que os(as) “receptores(as)” não rearranjem tais ideias recebidas e não sejam capazes de realizar leituras próprias e propagações –; por fim, o terceiro sentido está vinculado à vivência da intelectual em ambientes culturais distintos e sua consequente habilidade em articular as regiões por onde passa, ou seja, trata-se da capacidade da intelectual servir como agente de cadinhos culturais, constituindo novos arranjos e propagando culturas em forma de textos e ações.

Para melhor especificar os elementos pontuados sobre a caracterização da intelectual, ressalto a importância de compreender a complexidade do processo de “tradução”, que, a meu ver, está intimamente relacionado com a mediação cultural.¹⁰

10 Neste artigo, optei por manter a grafia original das fontes estudadas, inclusive, não realizei a tradução dos textos escritos em espanhol. Uma das motivações da minha escolha foi justamente o reconhecimento da complexidade do processo de tradução.

Utilizo o termo tradução na sua complexidade polissêmica, que, além de tornar ideias mais didáticas e exprimir subjetividades, também pode trasladar pensamentos elaborados em outra geografia – podendo ser de autoria do sujeito tradutor ou não. Ao refletir sobre os trânsitos espaciais, concordo que “o cruzamento de fronteiras também sempre ‘reposiciona’ e transforma subjetividades e visões de mundo” (ALVAREZ, 2009, p. 744). Ou seja, o fato de o(a) agente experienciar novas territorialidades afeta suas construções narrativas. Compreendo que Juana Manso imprimiu vivências múltiplas nas suas ideias veiculadas nos periódicos. Por fim, o sentido mais usual do termo tradução também não pode ser negligenciado, ou seja, a reescrita de textos cujos originais foram produzidos em outros idiomas. Vale enfatizar a subjetividade de tais traduções que sugerem escolhas, desde os(as) autores(as) e obras a serem traduzidos(as), até os trechos e palavras utilizadas na construção dos novos textos, que são propagados num lugar social específico com o intuito de defender posicionamentos.

Como bem esclarecem Angela de Castro Gomes e Patrícia Santos Hansen: “as práticas de mediação cultural podem ser exercidas por um conjunto diversificado de atores, cuja presença e importância nas várias sociedades e culturas têm grande relevância, porém, nem sempre reconhecimento” (2016, p. 9). A falta de reconhecimento foi – e ainda é – notória quando as agentes pertencem ao gênero feminino, porém essa situação não impediu que algumas mulheres rompessem com a ordem estabelecida e agissem como intelectuais mediadoras.

Concordo, então, que os(as) intelectuais são agentes da “produção de conhecimentos e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social” (GOMES; HANSEN, 2016, p.

10). Assim, considero Juana Manso como personagem estratégica “nas áreas da cultura e da política”. Tendo em vista que a mesma utilizou a arma disponível em suas mãos – o papel e a tinta – como veículo de produção, ressignificação e circulação de ideias, bem como de ação política.

Juana Manso: uma intelectual feminista transnacional

Juana Manso foi uma mulher multifacetada, que dedicou sua vida a reflexões e ações em prol do aprimoramento social. A dificuldade – e satisfação – de estudar as ideias daquela mulher oitocentista, através da imprensa, é que seu pensamento era abrangente e dinâmico, ou seja, havia a preocupação de abarcar vários grupos sociais e regiões distintas por meio de formulações que foram sendo revistas/aprofundadas em cada publicação. Portanto, é fundamental acompanhar os escritos de Juana em seus movimentos cartográficos e sentimentais para tentar compreender as pautas levantadas e as defesas mais intensas. A própria escrita da “argentino-brasileña” (AMANTE,2010, p. 374) é reveladora do seu vai-e-vem que construiu a intelectual transnacional.

O olhar através de lentes transnacionais foi fundamental para perceber que a própria assinatura da intelectual foi sendo alterada conforme o lugar e o momento da trajetória. Em sua primeira tradução, realizada em 1833, em sua terra natal, *El egoísmo y la amistad o los defectos del orgullo* foi assinada pelo pseudônimo “Una joven argentina”, sinal de acanhamento no momento inicial de sua vida intelectual. O compêndio poético publicado no Uruguai, em 1844, foi assinado por Juana Paula Manso, revelando o amadurecimento de uma intelectual que já transitara por três países, envolvendo-se com pessoas do universo letrado e que

não temia estampar seu nome de nascimento na capa de uma obra. Em terras brasileiras, a grafia do primeiro nome foi sempre Joanna e, na terra natal, foi Juana, sinalizando o processo de tradução devido à distinção do idioma de cada região.

Após o casamento, ela acrescentou o sobrenome do marido, “de Noronha”, mas manteve o sobrenome familiar herdado do pai, “Manso”. Assim, nos textos veiculados no *Jornal das Senhoras* a assinatura impressa era Joanna Paula Manso de Noronha. Mesmo após a separação, em 1853, ela continuou a assinar suas produções com o sobrenome do marido, no Brasil e na Argentina, afinal o divórcio não era regulamento em ambos os países e, possivelmente, era uma forma de suas produções serem mais aceitas socialmente. É provável que o nome composto não lhe agradasse, pois a Argentina passou a indicá-lo apenas pela letra P. ou a omiti-lo, principalmente após 1853. Em 1867, ao veicular a versão em espanhol de *Misterios del Plata*, a escritora precisou se esconder atrás do pseudônimo Violeta (DE GIORGIO, 2015, p. 57), certamente, no intuito de se proteger das reações do público. Conforme Liliana Zuccotti (1994, p. 101), as reações violentas para com Juana Manso não se limitaram ao período em que ela esteve na redação de periódicos, sendo estendidas durante seus pronunciamentos públicos, que eram chamados de “conferencias de maestras”.¹¹

A experiência transnacional de Juana Manso exigiu que a escritora

11 A violência cometida contra Juana Manso ultrapassou o campo do simbólico, sendo registradas manifestações presenciais com o intuito de impedir as ações e a propagação da voz da intelectual argentina. Nas palavras de Zuccotti: “Em su tercer conferencia em Chivilcoy, organizada com el objeto de juntar fondos para construir una biblioteca, cuando comenzaba a ler su drama ‘Rosas’, apedrean la escuela a cascotazos, y al salir, le lanzan asa fétida em la ropa”(ZUCCOTTI, 1994, p. 101).

modificasse sua própria autoidentificação, para se adaptar à língua local, para se proteger ou para se expressar da maneira que mais lhe representava. O certo é que as barreiras linguísticas e regionais, e os embates ocorridos, não impediram que a peregrina se expressasse. Como constatou Lelia Area: “Silenciar a Juana Manso fue una tarea imposible a lo largo de su altisonante y luchadora existencia” (AREA, 1997, p. 167).

É muito simbólico o fato de a argentina, que foi precursora na imprensa feminista brasileira¹² e um dos nomes mais conhecidos na luta pela emancipação das mulheres em sua terra natal, ter sido chamada de “La loca” (ZUCCOTTI, 1994, p. 103). Num contexto de avanço da medicina e, mais especificamente, da psiquiatria, no Brasil e na Argentina, que contribuiu para a normatização dos corpos e práticas femininas, adjetivar uma mulher como “La loca” reflete uma concepção de gênero. O peso dessa nomeação torna-se ainda mais intenso ao considerar que, em 1852, foi fundado em Buenos Aires o “Hospital de Mujeres Dementes”, que também era conhecido como “La casa de las locas”.¹³

Juana Manso foi considerada “loca” por ousadias como produzir uma obra com caráter autobiográfico, como *Misterios del Plata*.¹⁴ Conforme Luiza Lobo, a argentina foi uma pioneira, pois “se dedicou à escrita de um folhetim que tem um tema mais comum entre os escritores, político, autobiográfico, abstrato e distanciado do cotidiano e da intimidade do

12 Sobre a caracterização dos periódicos oitocentistas *Jornal das Senhoras e Album de Señoritas* como feministas, ver: SOUTO, 2019.

13 A respeito da referida instituição, consultar PITA, 2012.

14 A obra começou a ser esboçada em 1846, quando Juana Manso encontrava-se nos Estados Unidos. Em primeiro de janeiro de 1852, a autora apresentou ao público carioca do *Jornal das Senhoras*, seu livro *Misterios del Plata*, que passou a ser veiculado em fragmentos. O objetivo central do romance era criticar a maneira tirânica e violenta com que Juan Manuel de Rosas governava a Argentina.

lar, numa perspectiva em geral alheia à literatura de mulheres”. Além disso, “o traço feminista de sua obra inova no gênero (auto)biográfico ao valorizar paralelamente o amor em família e no casamento, quando a heroína faz grandes sacrifícios pessoais para salvar o marido prisioneiro da ditadura Rosas” (LOBO, 2009, p. 57). Por fim, a autora constatou que a representação de “‘extermínios coletivos’, revestidos da maior atrocidade e violência, perpetrados nas mazorcas ou ataques federalistas pelo grupo de apoio ao ditador Rosas, explica por que *Misterios del Plata* destoa totalmente das obras de autoria feminina do século XIX” (LOBO, 2009, p. 58).

Apesar da importância desse romance, segundo Lea Fletcher (1994), ele foi menos questionado que *La familia del comendador*,¹⁵ pois esta segunda obra teria proposto “un cambio revolucionario” na ordem estabelecida, abrangendo aspectos públicos (como a Igreja, a escravidão e o racismo) e privados (como a religião e a família). Tal ousadia teria gerado a “amnesia generalizada” da obra e de sua autora.

A perspicácia da intelectual em colocar em debate, como motivo de seu romance, temas tão fundamentais e interditos gerou admiração por parte de algumas mulheres oitocentistas, ficando registrada nas páginas do *Jornal das Senhoras*. Em fevereiro de 1852, uma leitora chamada Lina encaminhou uma carta para Joanna Manso relatando seu entusiasmo ao ver o anúncio do *Jornal das Senhoras* impresso nas páginas do *Jornal*

15 Esta obra começou a ser escrita no Brasil, entre 1848 e 1849. Juana Manso começou a publicar seu romance no número de estreia do periódico portenho, *Album de Señoritas*. O romance *La familia del comendador* centrava a trama em familiares da elite carioca, revelando imoralidades e preconceitos, principalmente no que dizia respeito às mulheres e aos(às) escravizados(as).

do Commercio, convocando mulheres a enviarem suas colaborações ao periódico. Lina relatou que, ao adquirir seu exemplar, rapidamente realizou a leitura e, ao vislumbrar o convite teve a seguinte sensação: “Foi o mesmo que se estivesse com muita sede e calor, e a senhora me offerecesse um sorvete”. Com gratidão, Lina escreveu: “Nem eu sei como agradecer-lhe este beneficio que nos faz á todas, pois que estou certa que todas como eu são unânimes em tributar-lhe votos de gratidão pela empreza que tomou á hombros.” Após os agradecimentos, a nova leitora revelou a condição em que viviam as mulheres naquele contexto: “Somos quasi passivas na sociedade, antes quasi que só vegetamos” (Jornal das Senhoras, 08/02/1855, p. 44). E exemplificou através de uma metáfora:

Bem como a mangueira, crescemos carregamo-nos de folhas, que dão sombra agradável, enchemo-nos de flores odoríferas, que são o encanto dos viventes, produzimos nossos fructos, que o homem colhe soffrego, e depois? ahi ficamos abandonadas, com a folhagem secca, porque já não damos fructos (Jornal das Senhoras, 08/02/1855, p. 44).

Em seguida, ressaltou Lina a importância de Joanna Manso para mudanças na vida das mulheres: “A senhora veio-nos abrir um campo de actividade, em que podemos exercitar as nossas forças, e sahir do nosso estado de vegetação. Como lhe agradecemos?”. Além disso, registrou a satisfação em poder expressar suas ideias no espaço público: “[...], que prazer o de escrever alguma coisa em letra redonda; saber que outras léem nossos pensamentos. Tanto que eu desejava isto, agora a senhora me offerece uma oportunidade” (Jornal das Senhoras, 08/02/1855, p. 44). E, para finalizar, declarou sua colaboração para com o Jornal das Senhoras: “Aceito pois o seu convite, e me animo á remetter-lhe por

principio duas pequenas poesias. Se pois forem achadas dignas de se publicar estas primeiras, continuaremos a remetter alguns versinhos e alguns artiguinhos” (Jornal das Senhoras, 08/02/1855, p. 45).

Não foram apenas as leitoras do jornal que registraram apreço pelos pensamentos e iniciativas de Joanna Manso, a colega de trabalho Gervazia Nunézia Pires dos Santos Neves¹⁶ deixou a seguinte impressão:

Queira ella consentir que, com esta mesma carta, levemos nos a cada uma das nossas assignantes a recordação do reconhecimento e o signal da gratidão que nosso amor consagra á primeira senhora, que, no Brasil, com seu punho traçou um Jornal e firmou-o com seu nome, abrindo assim tão nobremente o precioso exemplo da senda litteraria, que outras senhoras para logo a imitárão (Jornal das Senhoras, 02/10/1853, p. 313).

As palavras de Gervazia Nunézia expressaram reconhecimento pelo perseverança e pioneirismo de Joanna Manso na imprensa brasileira, ressaltando a importância de tal iniciativa para estimular a inserção de mais mulheres no mundo das letras. Animada com essa conjectura, a redatora em chefe desejou que, entre as leitoras do *Jornal das Senhoras*, surgisse uma “nova Stael” e seria viável, pois as brasileiras tinham em quem se inspirar. Em suas palavras: “Felizmente já tivemos entre nós quem dêsse o passo da estréa, quem se tornasse o alvo das animações, onde as esperanças se

16 Apesar de Joanna Manso ter fundado o *Jornal das Senhoras*, em janeiro de 1852, ela ficou apenas seis meses na redação do periódico. Em julho, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco assumiu a redação do jornal. Em junho de 1853, Gervazia Nunézia assumiu a redação do *Jornal das Senhoras* e permaneceu até o último número, veiculado em 30 de dezembro de 1855.

convergem hoje!” (Jornal das Senhoras, 09/10/1853, p. 328). Ao comentar a apresentação das peças teatrais, de autoria de Joanna Manso, ocorridas em 8 de outubro de 1853, Gervazia recomendou: “Bem gravado deve estar em nossas reminiscencias esse triumpho da noite passada, colhido pela primeira mulher que entre nós aventurou os espinhos de uma corôa, tão brilhante e cara para os estranhos, e tão cruel para si!...” (Jornal das Senhoras, 09/10/1853, p. 328). Animada com o desempenho de Joanna Manso e da boa recepção da plateia, a articulista louvou o avanço da “emancipação litteraria” que estava sendo estimulada por feitos como o da intelectual argentina. Com tais sentimentos, escreveu:

Admiro e orgulho-me por meu turno, quando tenho de traçar o panegyrico de algumas dessas heroínas da litteratura e da época, que contra a expectativa do crasso indifferentismo social, apresentam-se como que, inspiradas pelo ethereo lume, clamando pela emancipação de seu sexo, em prol do qual tem sacrificado ás vigalias, seu repouso votado às lucubrações!

A Sra. D. Joanna Paula Manso de Noronha está incontestavelmente no caso de fazer jus á minha admiração e aos meus encomios; e mais alto que tudo isto fallarão em prol do merito dessa senhora os freneticosapplausos, a extraordinariaconcurrência, a ovação completa que tornárãoimmorredoura a recordação grata e saudosa dessa noite de triumpho ao genio, de emulação e estímulo álitteraturapatria, de gloria e de entusiasmo ao nosso sexo!(Jornal das Senhoras, 09/10/1853, p. 328)

Todos os atributos elencados pelas admiradoras de Joanna Manso foram fundamentais para que a intelectual persistisse acreditando que era possível emancipar as mulheres pela ilustração, não só possível, como o melhor caminho. A experimentação no Jornal das Senhoras agradou a

jornalista, dando-lhe fôlego para fundar um impresso em sua terra natal, conforme relatou às leitoras do *Album de Señoritas*: “Toda mi ambicion era fundar un periódico dedicado enteramente á las señoras, y cuya única mision fuese ilustrar; lo habia conseguido asienel Rio de Janeiro donde ‘El Jornal das Senhoras’ está em el tercer año de su publicacion” (29/01/1854, p. 40). Após a alegre lembrança, a redatora comparou a receptividade de sua proposta nas duas regiões: “Las simpatias que merecí e naquella corte, los testimonios todos de deferencia y de apoyo, con que me favorecieron, me indugeron á esperar otro tanto en mi pais... Infelizmente mis esperanzas fueron flores pasajeras, que el viento del desengano deshojó al querer abrir...” (29/01/1854, p. 40). Esta falta de apoio em sua terra levou Juana Manso a metaforizar seu novo periódico, adjetivando-o de “planta exótica”, pois não encontrou condições favoráveis para se desenvolver. Anos mais tarde, em 1869, a metáfora foi retomada para definir a si mesma. Ao trocar cartas com a educadora Mary Mann, Juana escreveu: “Conozco que la época en que vivo soyen mi país un alma huérfana o una planta exótica que no se puede aclimatar” (MANSO apud SOUTHWELL, 2005, p. 2).

Observo que a experiência transnacional vivida intensamente por Juana Manso a estimulava a pensar as sociedades de forma articulada, propiciando raciocínios comparados e despertando desejos de compartilhamento de iniciativas positivas entre as regiões, principalmente no território americano. Nesse movimento de trocas de saberes e fazeres, a intelectual exerceu a função de mediadora cultural, espalhando ideias e inspirando pessoas através de seus escritos, sobretudo por meio da imprensa.

Nesses frequentes movimentos, a intelectual estabeleceu contatos – físicos ou não – angariando apoiadores(as) e, por que não, inimigos(as),

os(as) quais lhe deram elementos para seu aprimoramento intelectual. A propósito, as ideias construídas nas páginas da imprensa periódica carioca e portenha tinham caráter dialógico, as quais foram consolidadas discursivamente a partir da interlocução constante.

A rede de pessoas e ideias que Juana conseguiu tecer em torno dos seus empreendimentos e propostas causaram efeitos concretos no Rio de Janeiro e em Buenos Aires, inserindo novos produtos culturais à disposição das pessoas, mas principalmente das mulheres. A partir de 1852, as brasileiras letradas foram estimuladas a fazerem leituras dominicais e a usar a tinta e o papel para veicular seus pensamentos no espaço público. A partir de 1853, as cariocas foram incitadas a irem aos teatros prestigiar peças compostas por uma artista do gênero feminino. Tais mudanças, aparentemente pequenas, são capazes de gerar efeitos estruturais numa sociedade patriarcal.

A mediação intelectual propiciada pelos exílios e viagens pessoais da “joven argentina” causou impacto significativo na imprensa brasileira, abrindo caminhos para outros agentes históricos compartilharem diagnósticos e prognósticos da sociedade, desenvolverem habilidades reflexivas e, algumas, a se tornarem cronistas, redatoras, poetas, dramaturgas etc. Sendo assim, reforço a perspectiva que defende que os(as) intelectuais despertam pensamentos e estimulam a constituição de consciência de grupo. No caso específico de Juana Manso, o despertar é de uma consciência feminista em terras brasileiras e argentinas.

O trânsito de lugares e experimentações da intelectual mediadora oportunizou a reorganização de suas próprias ideias. A análise das publicações da redatora do *Jornal das Senhoras* e, posteriormente,

do Album de Senhoritas, me permitiu encontrar pautas que sofreram modificações no tempo, o que pode refletir a utilização de estratégias discursivas, mas também um natural amadurecimento intelectual propiciado pela bagagem cultural e influências diversas, como convivência, experiências pessoais e necessidades de sobrevivência.

Ao apresentar-se ao público carioca, a redatora do *Jornal das Senhoras* lançou mão de um discurso mais ameno, atrelando a emancipação das mulheres unicamente ao aprimoramento das funções ditas femininas exercidas no âmbito privado: ser boa mãe e esposa. Neste primeiro momento, chegou a negar a necessidade de as mulheres exercerem profissões liberais e a restringir-se ao conhecimento das leis de seu país com a única meta de educar os(as) filhos conforme o legislado (*O Jornal das Senhoras*, 25/01/1852, p. 27). A instrução feminina seria focada na religiosidade e não na ciência. Além disso, Juana Manso permitiu e estimulou que suas colaboradoras veiculassem artigos, principalmente na seção “Modas”, em que: a estética e a magreza eram supervalorizadas; o escárnio para com os(as) negros(as) era permitido; o preconceito em relação aos pobres era revelado (*O Jornal das Senhoras*, 15/02/1852, p. 49-50; 22/02/1852, p. 57-59).

No entanto, com o avançar de sua trajetória, Juana Manso revelou mais intensidade em suas proposições, apresentando mudanças de postura a respeito da exaltação da beleza feminina; colocando em pauta a violência contra as mulheres; criticando a falta de abertura de vagas de emprego para as mulheres; argumentando sobre a relevância do conhecimento científico e da Filosofia; denunciando a opressão marital; fazendo oposição ao sistema escravista e pregando o respeito aos diversos grupos sociais, principalmente as mulheres, os negros, os indígenas e os pobres. A

pauta mais perene em seu pensamento foi a emancipação das mulheres, ainda assim, foi notório o aprofundamento e ampliação dos direitos reivindicados.

Identifico o pioneirismo de Juana Manso no jornalismo feminista brasileiro e argentino. Se em sua terra natal ela não foi a primeira a lançar um periódico de caráter feminista,¹⁷ certamente foi a mais intensa e a que mais polêmica causou. Defendo que a experiência peregrina foi elemento primordial no amadurecimento de Juana Manso, tornando-a uma intelectual feminista transnacional. Nesse sentido, corroboro bell hooks ao afirmar: “Feministas são formadas, não nascem feministas. [...] Assim como a todas as posições políticas, uma pessoa adere às políticas feministas por escolha e ação” (2018, p. 25).

Foi a complexidade da trajetória de Juana Manso e seu amplo horizonte de expectativa que despertou a sensação de ser uma “planta exótica” em sua própria terra natal. A mulher que retornou para Buenos Aires em 1853 já não era a mesma “joven argentina” que emigrou em 1839; se a configuração sócio-política Argentina apresentava modificações, a subjetividade da intelectual não se encontrou naquele cenário ainda fortemente conservador aos seus olhos. Ao fundar *Album de Señoritas*, em 1854, Juana Manso ainda não encontrara verdadeiramente sua pátria, pois para ela:

Alzar el bordon del peregrino, é ir á buscar una Patria en alguna parte del mundo, donde la inteligencia de la muger

17 O primeiro periódico foi criado por Petrona Resende de Sierra. Com o título *La Aljaba*, ele foi inaugurado em 16 de novembro de 1830 e veiculado até 14 de janeiro de 1831, totalizando 31 (trinta e um) números publicados. Periódico disponível no acervo da Biblioteca Nacional Mariano Moreno da República Argentina.

no sea un delito. Donde su pensamiento no se considere un crimen; y donde la carrera literaria no sea clasificada de pretensiones ridículas (Album de Señoritas, 01/01/1854, p. 2).

Nesse sentido, a intelectual feminista faleceu expatriada, mesmo vivenciando outras pátrias e lutando pelo aprimoramento social de todas elas. Juana Manso não pertenceu a um único lugar, ela era fruto de cadinhos de vários locais, ideias e experiências. Talvez, seja esse o motivo de tanta incompreensão sobre suas propostas e também do seu longo “esquecimento político”.¹⁸

Fontes citadas

LINA. Sem título. O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, p. 44, 08 fev. 1855.

MANSO DE NORONHA, Joanna Paula. Declaração sobre as minhas ideias da Emancipação moral da mulher. Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, p. 27, 25 jan. 1852.

MANSO DE NORONHA, Joanna. Emancipação moral da mulher. O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, p. 14, 11 jan. 1852.

MANSO DE NORONHA, Joanna Paula. Estudos: primeira lição. O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, p. 52, 07 mar. 1852.

MANSO DE NORONHA, Joanna Paula. Estudos: lição II. O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, p. 74-75, 07 mar. 1852.

¹⁸ Expressão utilizada por ZahidéMuzart(2003, p. 227).

MANSO DE NORONHA, Juana Paula. [correspondência]. Destinatário: Mary Mann. Buenos Aires, 1869 Apud SOUTHWELL, Myriam. Juana P. Manso (1819-1875). Perspectivas: Revista Trimestral de Educación Comparada, Paris (França), vol. XXXV, n. 1, p. 2, mar. 2005.

MANSO DE NORONHA, Juana Paula. Emancipación moral de lamuger. Album de Señoritas, Buenos Aires, p. 2-3, 01 jan. 1854.

MANSO DE NORONHA, Juana Paula. Lasmisiones. Album de Señoritas, Buenos Aires, p. 38, 29 ene. 1854.

MANSO DE NORONHA, Juana Paula. Ultimo dia delaño, y añonuevo. Album de Señoritas, Buenos Aires, p. 2, 01 ene. 1854.

M. DE NORONHA, J. P. A nuestrassubscriptoras. Album de Señoritas, Buenos Aires, p. 40, 29 ene. 1854.

NEVES, Gervazia Nunezia Pires dos Santos. Carta dirigida pela Illm. Sra. D. Joanna Paula Manso de Noronha à redacção do Jornal das Senhoras. Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, p. 313, 02 out. 1853.

N., Gervina N. P. dos S.. Sem título. Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, p. 328, 9 out. 1853.

O JORNAL DAS SENHORAS, Rio de Janeiro, p. 49-50, 15 fev. 1852.

O JORNAL DAS SENHORAS, Rio de Janeiro, p. 57-59, 22 fev. 1852.

Referências

ALVAREZ, Sonia E. Construindo uma política feminista translocal da tradução. Estudos Feministas, Florianópolis, p. 743-753, set./dez. 2009.

- AMANTE, Adriana. Poéticas y políticas del destierro: argentinos en Brasil en la época de Rosas. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.
- ANDRADE, Valéria. Dramaturgas brasileiras no século XIX: escritura, sufragismo e outras transgressões. *Plural Pluriel – revuedescultures de langue portugaise*, Nanterre (França), n. 8, p. 1-26, 2011.
- AREA, Lelia. El periódico Álbum de Señoritas de Juana Manso (1854): una voz doméstica en la fundación de una nación. *Revista Iberoamericana*, Vol. LXIII, N°s 178-179, p. 149-171, Ene./Jun. 1997.
- BARRANCOS, Dora. Historia, historiografía y género. Notas para la memoria de sus vínculos en la Argentina. *Revista de Historia Social e Mentalidades*, Santiago (Chile), vol. 1/2, p. 35-65, 2004.
- BARRANCOS, Dora. *Mujeres en la sociedad argentina: una historia de cinco siglos*. 2ª ed. Buenos Aires: Sudamericana, 2007.
- BARROS, José D'Assunção. História comparada – da contribuição de Marc Bloch à constituição de um moderno campo historiográfico. *História Social*, Campinas/SP, nº 13, p. 7-21, 2007.
- COSTA, Cláudia de Lima; ALVAREZ, Sonia. Translocalidades: por uma política feminista da tradução. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 17 (3), p. 739-742, set./dez. 2009.
- COSTA, Cláudia de Lima. As teorias feministas nas Américas e a política transnacional da tradução. *Estudos Feministas*, Florianópolis (SC), v. 8, n. 2, p. 1-6, 2000.
- DE GIORGIO, María Julia. Itinerário biográfico. In: MANSO, Juana. *Mistérios del Plata: romance histórico contemporâneo*.

Organização de Zahidé L. Muzart. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2015.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. Estudos Avançados, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 151-172, 2003.

FEMENÍAS, MaríaLuisa. Esbozo de un feminismo latinoamericano. Estudos Feministas, Florianópolis, 15(1), p. 11-25, jan./abr. 2007.

FEMENÍAS, MaríaLuisa. Género y feminismo en América Latina. Debate Feminista, UNAM (México), vol. 40, p. 42-74, out. 2009.

FLETCHER, Lea. Juana Manso: una voz en el desierto. In: FLETCHER, Lea (Comp.). Mujeres y cultura en la Argentina del siglo XIX. Buenos Aires: Feminaria Editora, 1994.

GOMES, Angela de; HANSEN, Patrícia Santos (Orgs.). Intelectuais mediadores. Práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

hooks, bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Trad. de Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

LOBO, Luiza. Juana Manso: uma exilada em três pátrias. Gênero, Niterói, v. 9, n. 2, p. 47-48, 1º sem. 2009.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). História das mulheres no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1997.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

- MACIEL, Laura Antunes. *Imprensa, história e memória: da unicidade do passado às outras histórias*. Patrimônio e Memória, UNESP – FCLAs – CEDAP, v. 5, n. 2, p. 58-81, dez. 2009.
- MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. *Feminismos, epistemologia feminista e história das mulheres: leituras cruzadas*. OPSIS, Catalão, v. 15, n. 2, p. 316-329, 2015.
- MUZART, ZahidéLupinacci. *A cidade das mulheres: Mariana Coelho uma feminista brasileira*. In: MUZART, ZahidéLupinacci (Org.). *Mariana Coelho: a evolução do feminismo – subsídios para a sua história*. 2ª ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.
- MUZART, Zahidé. *Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX*. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis (SC), v.11, n.1, p. 225-233, 2003.
- MYERS, Jorge. *La revolución en las ideas: la generación romántica de 1837 en la cultura y en la política argentinas*. In: GOLDMAN, Noemí (Dir.). *Nueva historia argentina: Revolución, República, Confederación (1806-1852)*. Buenos Aires: Editorial Sudamerica, 1998.
- PEDRO, Joana Maria. *Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea*. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, p. 270-283, jan./jun. 2011.
- PITA, Valeria S. *La casa de las locas. Una historia social del Hospital de Mujeres Dementes, 1852-1890*. Rosario: Prohistoria, 2012.
- PRADO, Maria Ligia Coelho. *América Latina: historia comparada, historias conectadas, historia transnacional*. *Anuario de la Escuela*

- de Historia, Rosario (Argentina), nº 24, p. 9-22, 2011-2012.
- _____. Repensando a história comparada da América Latina. Revista de História, São Paulo, n. 153, p. 11-33, 2005.
- RAGO, Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. Cadernos Pagu, Campinas (SP), nº 11, p. 89-98, 1998.
- RODRIGUES, Helenice. O intelectual no “campo” cultural francês: do “caso Dreyfus” aos tempos atuais. Varia Historia, Belo Horizonte, v. 21, nº 34, p. 395-413, jul./2005.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (Dir.). Por uma história política. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. Revista Brasileira de História, São Paulo, 54, v. 27, p. 28-300, dez. 2007.
- SOUTHWELL, Myriam. Juana P. Manso (1819-1875). Perspectivas: Revista Trimestral de Educación Comparada, Paris (França), vol. XXXV, n. 1, p. 2-19, mar. 2005.
- SOUTO, Bárbara Figueiredo. Mulheres e ideias impressas: projetos feministas de emancipação em periódicos do Rio de Janeiro e Buenos Aires (1852-1855). Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, 2019.
- ZUCCOTTI, Liliana. Gorriti. Manso: de las veladas literarias a “Las conferencias de maestra”. In: FLETCHER, Lea (Comp.). Mujeres y cultura en la Argentina del siglo XIX. Buenos Aires: Feminaria Editora, 1994.